



EDUCAÇÃO E FRATERNIDADE: EIXOS NORTEADORES DA LIBERDADE HUMANA

Doutorando José Roberto da Silva (FCRN)¹

Me. Maria Iratelma Pereira (FCRN)²

RESUMO: O presente artigo enfoca a importância e necessidade da educação e a fraternidade caminharem lado a lado. O objetivo é proporcionar reflexões acerca do tema da campanha da fraternidade do ano de 2022, com destaque para a temática Fraternidade e Educação. A pesquisa bibliográfica aponta para a descrição dos saberes norteadores da liberdade humana, saberes esses inerentes à vida sábia, fraterna e humanizante, que desafiam a qualidade das relações da sociedade contemporânea. O procedimento metodológico utilizou de interpretações de autores que pesquisam acerca da educação fraterna e humana. A pesquisa apresenta análises da vida humana, em busca de uma educação emancipatória, através do diálogo entre os autores, convidando-nos a refletir sobre a fraternidade, na compreensão da educação, não apenas sendo um dever da escola, como função de transmitir conteúdos, ou preparação para o trabalho, mas o processo pelo qual os sujeitos procuram sua ascensão. A campanha da fraternidade propicia pensar que educar não é um ato isolado, limitando-se apenas ao contexto escolar. É através da educação que os sujeitos se reconhecem como transformadores da vida em sociedade. A educação possibilita mudanças no comportamento dos sujeitos, auxiliando no seu processo intelectual, cultural e social. A perspectiva de uma educação humanizante perpassa pela necessidade de mudanças na sociedade, exigindo posturas sábias capazes de transformar os sujeitos para uma educabilidade libertadora, humana e fraterna.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Fraternidade. Humana. Sujeitos.

INTRODUÇÃO

A campanha da fraternidade do ano de 2022 tem como tema Fraternidade e Educação, convidando a sociedade a refletir para além das instituições, oportunizando uma constatação de que a busca de uma vida fraterna e humanizante estão ficando ausentes, nas práticas de países que se dizem democráticos.

A Conferência Nacional do Bispos do Brasil - CNBB (2021, p. 63) afirma que o movimento humanista, com o Renascimento, delineou uma compreensão educativa centrada no ser humano em busca da beleza e da liberdade e assim estabeleceu uma forma de enxergar o mundo. Para São Tomás de Aquino “o homem tem de bondade tanto quanto tem de Ser, e faltando-lhe plenitude de seu Ser, falta-lhe bondade, o que é chamado de mal” (AQUINO, 2003 apud ALMEIDA 2005).

¹Doutorando do Curso Ciências da Religião – FCRN – josefranciscano@hotmail.com

² Mestre pelo Curso Ciências Sociais e Humanas – UERN – maria.pereira@aluno.catholicadorn.com.br

A essência humana necessita ser resgatada, sendo através do processo de educabilidade que o ser humano se reencontra com seu eu, na tentativa de sair da opressão, em busca de um caminho que leve a sua libertação. A desumanização que impossibilita a humanização oculta a bondade, prevalecendo o mal, comprometendo a vida em fraternidade.

A maldade subestima a bondade nas relações, exprimindo, tolhendo a capacidade dos sujeitos a uma vida humanizante, sábia e fraterna. Neste sentido a transgressão do ser ético não é uma virtude dos homens, e implica o seu processo de educabilidade. A postura dos seres humanos frente às mudanças da sociedade exige cada vez mais ética.

Para Freire (1996) não é possível ao sujeito ético viver sem estar permanentemente exposto à transgressão da ética. Uma de nossas brigas na História, por isso mesmo, é exatamente esta: fazer tudo o que podemos em favor da eticidade, sem cair no moralismo hipócrita, ao gosto reconhecidamente farisaico.

As concepções de fraternidade e educação vão além das instituições de ensino, fato este que vem despertando na sociedade discussões em torno de uma vida humanizante. A busca por um mundo mais justo, igual e humanizado exige a contribuição de posturas críticas e transformadoras.

Contudo, a constante ênfase dada à educação, seja nos espaços escolares, religiosos, de comunicação, poderes públicos, tem fortalecido as pesquisas para a importância da valorização da vida humana, que se faz urgente o respeito a toda forma de expressão em prol de uma vida harmoniosa.

Os desafios são constantes, pois a educação é tarefa da família, das instituições educativas e de toda a sociedade; poderá enriquecer-se de maneira notável se se abrir ao sentido do belo, do verdadeiro e do bom. Superará uma visão reducionista do ser humano e estará assim percorrendo os caminhos de uma formação integral da pessoa e de todas as pessoas (CNBB, 2021, p. 82).

Portanto, a descrição dos tópicos: A luz da educação na vida fraterna; educar para uma vida sábia; educar para uma vida humanizante; Educação: caminho de libertação dos oprimidos possibilita uma reflexão crítica de estudiosos e especialistas que se debruçam na pesquisa à procura de resposta dos grandes gargalos da educação que impedem a sociedade de viverem em fraternidade.

1. A luz da educação na vida fraterna



A educação é o caminho pelo qual o convívio em sociedade corrobora para a segregação dos grupos, surgindo as diferenças entre as classes, isto porque nem todos têm os mesmos direitos a mesma educação. Com o avanço do capitalismo, a educação apresenta-se no cenário mundial com a imposição de interesses políticos, econômicos, culturais e sociais, descaracterizando a vida fraterna, que é o objetivo por excelência da educação.

As mudanças no mundo têm ocorrido em nome do progresso, provocando na sociedade posturas que promovam a participação em prol da paz, na busca de uma vida fraterna. Assim Freire (1996, p. 85) enfatiza que o mundo não é, ele está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Em relação ao seu posicionamento no mundo, Freire (1996, p. 76) faz a seguinte citação:

(...) A nossa educabilidade bem como a nossa inserção num permanente movimento de busca em que, curiosos e indagadores, não apenas nos damos conta das coisas, mas também delas podemos ter um conhecimento cabal.

Destarte, a curiosidade humana nos motiva a irmos ao encontro do outro e de sua realidade, promovendo o exercício da busca constante do conhecimento, ajudando na construção de novos saberes, na tentativa de mudanças da realidade que ainda não conhecemos, desafiando-nos a aprender a conviver com as dúvidas e incertezas adquiridas no processo educativo dos sujeitos.

A educação instiga a curiosidade, nos faz indagar sobre nosso papel no mundo, opondo-nos a não aceitar a realidade que está posta, permitindo-nos intervir sempre que necessário, reinventando nossa educabilidade, possibilitando a adaptação de novos saberes. A educação é um indispensável serviço à vida. Ela nos ajuda a crescer na vivência do amor, do cuidado e da fraternidade (CNBB, 2021, p. 11).

O processo de educação é muito diverso, porém é por meio dela que se dá a aquisição de conhecimentos necessários para a vida em sociedade. Dentre tantas características, a que mais se destaca baseia-se na concepção que defende que o sujeito é agente de seu próprio conhecimento, competindo a este aprimorá-lo.

A inserção da fraternidade como um princípio da ação pedagógica reflete de forma evidente o alinhamento aos novos postulados da educação, visando, sobretudo, à introjeção de



valores fundamentais para a vida, como elementos essenciais para a formação do novo homem (RISK, 2015).

Entre os princípios da pedagogia da fraternidade, Risk (2015, p. 39) os seguintes:

Princípio da fidelidade; princípio da coerência; princípio da solidariedade; princípio da justiça; princípio da humanidade; princípio do além-fronteira; princípio do respeito às diferenças; princípio do respeito ao ecossistema; princípio da ética convicta; distinção da res pública e da privada.

Evidentemente que esses princípios poderão ser ampliados consideravelmente. Entretanto, levando em conta a sociedade atual, cujos valores se perderam ao longo do tempo histórico, há de se reconhecer que, de início, seguir essas orientações já será um avanço extraordinário, frente às resistências para mudança que o ser humano impõe, até aquelas reconhecidamente para melhor. É por esta razão que a sua institucionalização e universalização são indispensáveis para se produzirem os efeitos qualitativos na vida das pessoas comuns e dos povos que compõem a nossa humanidade (RISK, 2015).

No âmbito dos saberes educacionais, tão necessários aos estudos científicos, o saber ser pedagógico vem ampliando, permitindo uma pedagogia mais autônoma dos educadores que se propõem à construção de uma prática inovadora de sua formação social. De nada adianta o discurso se a ação pedagógica é impermeável à mudança (FREIRE, 1996, p.11).

A educação se configura como um dos patrimônios da humanidade, caminho pelo qual a mesma pode evoluir e resguardar a sua cultura, a sua história e seus grandes feitos. As diversas teorias educacionais são estruturas que proporcionam métodos educativos para a aquisição de novos conhecimentos dos educandos.

O ato de educar para uma vida fraterna exige compromisso e responsabilidade de educadores, educandos e de toda a sociedade. Freire (1996) adverte-nos para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização. Para tal, o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber-ser da sabedoria exercitados, permanentemente, podem nos ajudar a fazer a necessária leitura crítica das verdadeiras causas da degradação humana e da razão de ser do discurso fatalista da globalização (FREIRE, 1996, p. 12).

Os desafios são gigantes, frente à diversidade de povos e culturas, somado à ausência de políticas públicas que atendam às camadas da população mais vulneráveis, sem condições necessárias para sobreviver com dignidade, que lutam por seus direitos sociais e educacionais, aumentando cada vez mais a desigualdade entre a pobreza.

O contexto político, econômico e social fortalece a desigualdade entre os povos, ampliando as distorções no cenário educacional. A globalização que reforça o mando das

minorias poderosas, esmigalha e pulveriza a presença impotente dos dependentes, fazendo-as ainda mais impotentes, é destino dado. Em face dela, não há outra saída senão cada um baixar a cabeça e docilmente agradecer (FREIRE, 1996). Para MARTINAZZO (2019, p. 412), o foco de suas preocupações consiste em educar as novas gerações para aprenderem a viver em um mundo globalizado e interplanetário.

A CNBB assegura que, para educar para o humanismo solidário e construir a civilização do amor, é necessário promover a cultura do diálogo, globalizar a esperança, buscar uma verdadeira inclusão, criar redes de cooperação. A vida fraterna nos convida para uma educação em que haja o envolvimento da sociedade.

2. Educar para uma vida sábia

A educação é necessária para a sobrevivência do ser humano. Para que ele não precise inventar tudo de novo, necessita apropriar-se da cultura, do que a humanidade já produziu. Educar é também aproximar o ser humano do que a humanidade produziu. Se isso era importante no passado, hoje é ainda mais decisivo numa sociedade baseada no conhecimento (GADOTTI, 2011).

Educar é humanizar. A educação é um ato de amor e esperança no ser humano (CNBB, 2021). O processo de evolução dos sujeitos é constante, transformando a realidade que proporciona a cada um a possibilidade de entender o que se passa no mundo ao qual está inserido. Desse modo, o sujeito não é um ser apático, desprendido da situação, antes ele é um ser que possui a sua ação dentro desse desenvolvimento.

Indubitavelmente, pensar, refletir a respeito da educação consiste em analisar o ser humano; nessa premissa está inserida a concepção de educar que, em síntese, é, também, promover nos sujeitos a capacidade de interpretação dos diferentes contextos em que estão inseridos, bem como qualificá-los e “instrumentalizá-los” para a ação, nesses contextos, objetivando superações, transformações (ECCO e NOGARO, 2019, p. 8).

Pode-se perceber que a concepção humana se desenvolve por meio do processo de maturação dos arcabouços intelectuais dos indivíduos, sendo que este processo é lento e que por sua vez oferece a possibilidade de melhor compreensão ao que está relacionado com o mundo da educação. A educação pode ser entendida como um intercâmbio entre a informação que se apresenta do conhecimento já sabido, de modo que propicia novas maneiras de se interpretar a informação que se aprende.

Uma postura esperançosa na capacidade humana de aprender com a vida e transformá-la não é um método que recusa a ambiguidade da experiência do sujeito, seus desafios e



contradições, mas que, diante dessa ambiguidade, reafirma a esperança de aprender a construir e reconstruir o melhor possível (CNBB, 2021).

Deduz-se desse modo que, no processo de educabilidade dos sujeitos, a aquisição dos distintos saberes corrobora para o aprendizado da atualização de novos aprendizados. O empirismo, o conhecimento humano é espelho da estrutura onde os sujeitos estão situados, de forma que as interações pessoais promovam a reprodução de informações para o exercício da prática da sabedoria.

Aprender, em qualquer circunstância, é abertura para o novo, é uma ação geradora de desconforto, resultante do confronto entre o que já sabemos e o que se apresenta da realidade. As informações não cumprem seu papel quando são usadas como um casulo no qual nos escondemos para proteger o que já compreendemos (CNBB, 2021).

As contribuições do conhecimento ou das informações evidenciam que o processo educativo proporciona uma ação reflexiva entre os sujeitos. Informação, conhecimento, sabedoria: essas três palavras são usadas apressadamente como se fossem sinônimas, como se significassem a mesma coisa. Mas é preciso, por um lado, distingui-las; por outro, compreender que da metamorfose da primeira para a segunda e da segunda para a terceira depende, em grande parte, de saber pensar bem para enfrentar e conviver com os enormes problemas e desafios colocados hoje nos níveis local e global (ALMEIDA, 2008).

Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e este na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo; é condição de sobrevivência do ser humano e da espécie (GADOTTI, 2011). O desenvolvimento humano possibilita a intencionalidade da compreensão de mudança constante em que os indivíduos buscam manter-se atualizados.

Aprender a viver e facilitar uma ecologia dos saberes são condições necessárias para desenharmos um novo mapa do conhecimento, da ciência, da sociedade. É a partir do lugar que cada um de nós ocupa que essa ecologia emergirá. Ela terá sempre a nossa cara, se nutrirá sempre de nossas apostas pessoais para elaborar uma compreensão mais complexa do mundo. Ela é possível, mas depende da ousadia de um sujeito que seja ele próprio ecológico e diverso em suas experiências (ALMEIDA, 2008).

A sabedoria é o que sobrevive em meio à superpopulação das ideias, dos conceitos, das informações. Quando dizemos que “somos um dos fios da teia da vida”, quando assumimos para nós próprios a ideia de que a vida é uma teia, estamos anunciando e vivendo uma sabedoria, porque as teorias podem mudar, informações novas podem aparecer, mas apesar dessas



mudanças podemos continuar dizendo “a vida é uma teia de muitos fios e nós somos um desses fios”. O conhecimento se transforma, porém, a sabedoria fica porque fala do essencial e permanente que se desdobra nos fenômenos, no particular, no fugaz, no instantâneo (ALMEIDA, 2008).

O ser humano é o único ser vivente que se pergunta sobre o sentido de sua vida. Educar para sentir e ter sentido, para cuidar e cuidar-se, para viver com sentido cada instante da nossa vida. Somos humanos porque sentimos e não apenas porque pensamos. Somos parte de um todo em construção e reconstrução (GADOTTI, 2011).

Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa. Aprende-se quando se tem um projeto de vida. Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender. E mais: é preciso tempo para aprender e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação (GADOTTI, 2011).

3. Educar para uma vida humanizante

A educação é um dos grandes valores da humanidade, sendo por meio dela que o ser humano pode progredir, criar, inovar, sempre com o intuito de proporcionar mudanças significativas no ambiente em que está inserido na sociedade, como um bem coletivo, em que todos devem zelar. Portanto, a educação se configura como um dos patrimônios da humanidade, caminho pelo qual a mesma pode evoluir e resguardar a sua cultura, a sua história e seus grandes feitos.

Para que seja vencida a situação de desumanização dos seres humanos, torna-se necessário um processo de educação destes, de tal forma que possam tomar consciência de sua condição de seres desumanizados e partirem na busca de sua humanização. Nesse sentido, apresenta-se o processo de conscientização e diálogo através do qual os seres humanos poderão tornar-se sujeitos no processo educativo, bem como na construção de sua humanidade. Antes, porém, serão apresentados os possíveis estados da consciência como Freire definiu (JÚNIOR e NOGUEIRA, 2011, p. 2).

Entendemos que essa desumanização se faz presente na história dos seres humanos e convoca-nos a um posicionamento diante dela. Postula-se finalmente a necessidade da libertação dos seres humanos de sua condição de desumanizados através da passagem da consciência ingênua a uma consciência crítica que os possibilita a sair de sua condição de passividade e tornarem-se sujeitos de sua própria história (JÚNIOR e NOGUEIRA, 2011, p. 3).

Educar é um ato eminentemente humano. Somos renovados quando aprendemos mais a respeito da vida e seu sentido, quando nos ensinam novos conhecimentos e quando percebemos



que em nós existe a profunda sede de aprender e ensinar (CNBB, 2021, p. 7) O processo de ensino-aprendizagem é muito diverso, porém é por meio dele que se dá a aquisição de conhecimentos necessários para a vida em sociedade.

O processo de aprendizagem tem algumas peculiaridades que às vezes dificultam o seu entendimento. Segundo Lakamony (2008), a aprendizagem é de forma geral confundida pelos docentes, pois, estes não têm conhecimentos de forma geral do que se passa no íntimo do educando quando ele aprende.

A revista Vida Pastoral (2022, p. 14) contribui com a educação ao fazer a seguinte afirmação:

A educação é um dos componentes fundamentais que promovem e favorecem o valor da dignidade humana e, por essa razão, necessita de uma atenção prioritária. Sem ela, não existe verdadeiro progresso que alcance todos os membros de uma nação.

O processo educativo requer tempo, sendo uma das vias pelas quais se dá a aquisição de conhecimentos necessários para a vida em grupo, oportunizando aos sujeitos a busca da dignidade humana. O contexto político e globalizante permite que a educação ultrapasse o espaço do sistema educacional de ensino, descaracterizando a importância do conhecimento sistematizado ofertado nas instituições educacionais, levando os indivíduos à precarização do saber que, por vezes entre o trabalho e a educação, escolhem o trabalho.

Para o racionalismo, o conhecimento humano é imagem de estruturas inatas, ou seja, que não são tocáveis, como o aprendizado da atualização é o que se aprende desde cedo, mesmo sem o saber por completo, nós o sabemos; ao passo que, para o empirismo, o conhecimento humano é espelho da estrutura do ambiente em que se está situado, de forma que o conhecimento é uma forma de reprodução da informação que se recebe.

Segundo Júnior e Nogueira (2011), a compreensão de Freire sobre a humanização do ser humano constrói-se como ontologia do ser. Ele entende que o ser humano é um ser inacabado em processo constante de humanização, indicando para a construção de uma educação libertadora, isto é, a passagem de uma consciência ingênua a uma consciência crítica capaz de tornar os educandos sujeitos do processo educativo, bem como de sua própria história.

Para Fromm (1967) a educação necessária para tornar uma sociedade mais humana não é aquela que objetiva moldar, ajustar o ser humano através de regras e conceitos às exigências do sistema econômico, que posteriormente servirão para a realização de um trabalho alienado e alienante. Pelo contrário, a educação necessária para humanizar esse mundo materialista

movido pela tecnologia é aquela que coloca no centro de sua proposta pedagógica o ser humano como sujeito histórico e não a mercadoria por ele produzida.

Fromm ainda afirma que não existe somente educação teórica ou educação prática. Quando se separa uma da outra é como se o professor ensinasse ingenuamente aos seus alunos que passarinho sem asas pode alçar voo. Diz ele: “Só existe um ponto que desejo frisar aqui: a necessidade de eliminar a separação entre o conhecimento teórico e o conhecimento prático. Essa separação é uma parte da alienação do trabalho e do pensamento” (FROMM, 1967, p. 330 apud PRETTO e ZITKOSKI, 2016).

A formação humana integral nos conduz a refletir sobre as diversas formas de educar e de construir as comunidades humanas, as sociedades e civilizações, tecidas universalmente pelas relações pessoais e coletivas. A educação, em sentido amplo, abrange pertencimento e a participação dos sujeitos no mundo, de modo integral e solidário (CNBB, 2021, p. 29).

4. Educação: caminho de libertação dos oprimidos

O ser humano é um ser dotado de razão e inteligência e nisso difere dos demais seres vivos. No caminho de sua libertação, existem algumas ações que têm o objetivo de fazer com que desde cedo ele possa adquirir conhecimentos que lhe serão importantes para a vida e no seu processo de maturação.

Os conhecimentos ou informações do cotidiano advêm da vida diária, ou seja, vêm da experiência imediata, são variados e servem à solução de problemas práticos; o conhecimento cotidiano busca a utilização das coisas; o científico, por sua vez, intenta a veracidade e a certeza das coisas.

A realidade de nosso tempo precisa encontrar caminhos para se reconstruir, ouvindo os clamores dos vulneráveis em sua casa comum cada vez mais vulnerabilizada (CNBB, 2021). A opressão dificulta o caminho dos que vivem à margem, onde anseiam por liberdade, levando-os a aprisionarem-se por falta de acesso à educação.

No processo de mutação constante dos sujeitos, o processo de educação proporciona a cada um a possibilidade de entender o que se passa no mundo ao qual está inserido. Deste modo, o sujeito não é um ser apático, desprendido da situação, antes ele é um ser que possui a sua ação dentro desse processo de libertação.

Deduz-se desse modo que a transição da fase em que não se tem um pensamento formado, ou que não se possui ainda um saber definido (ignorância) para a fase de conhecimento (saber) não é nada fácil. Nesse caminho, ocorre um novo fato, em que os sujeitos não se relacionam apenas com uma simples reestruturação. Aborda-se, pois, neste caso, um

novo fenômeno, no qual os sujeitos adotam para si um novo comportamento, de maneira que converte a informação em conhecimento e em atitudes habituais.

Para a CNBB (2021), aprender, em qualquer circunstância, é abertura para o novo, é uma ação geradora de desconforto, resultante do confronto entre o que já sabemos e o que se apresenta da realidade. A partir do desconforto, os sujeitos se percebem como seres pensantes, abrindo-se para a liberdade de pensamento e expressão acerca da vida contemporânea. A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades, na defesa de seus direitos em face da autoridade dos pais, do professor, do Estado (FREIRE, 1996).

Educar para a liberdade exige que a democracia aconteça na sala de aula, protagonizada pelos sujeitos, com o auxílio dos educadores quando estes assumem posturas críticas acerca da luta por uma liberdade sem limites no ato de educar. Freire (1996) afirma que o grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade.

A tomada de consciência dos sujeitos, na busca do diálogo, procura levá-los à realidade mediatizadora, com a finalidade libertadora de uma educação libertadora. Para Freire, a consciência é essa misteriosa e contraditória capacidade que o homem tem de distanciar-se das coisas para fazê-las presentes, imediatamente presentes. É a presença que tem o poder de presentificar: não é representação, mas condição de apresentação (FREIRE, 1987).

A educação libertadora tem, fundamentalmente, como objetivo desenvolver a consciência crítica capaz de perceber os fios que tecem a realidade social e superar a ideologia da opressão. Na verdade, esse não é objetivo dos opressores que tentam manter, por meio da educação bancária, a reprodução da consciência ingênua, acrítica. Na educação como prática da liberdade, os homens e as mulheres são vistos como "corpos conscientes", e se tem convicção profunda no poder criador do ser humano como sujeito da história – uma história inacabada, construída a cada instante, cujo processo de conhecer envolve intercomunicação, intersubjetividade (MENEZES e SANTIAGO, 2014).

Para Freire, o discurso da acomodação ou de sua defesa, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tomada como fardo ou sina e um discurso negador de humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir. A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática da luta política (FREIRE, 1996).

Uma vez assumido que os seres humanos são seres em processo constante de humanização, mas que, ao mesmo tempo, devido às situações históricas específicas encontram-

se desumanizados, o próximo passo será descrever como os seres humanos devem tomar consciência de sua própria condição de seres desumanizados e isto como o primeiro passo em direção à sua libertação (JÚNIOR e NOGUEIRA, 2011).

Constatando que a humanização leva os sujeitos à procura de sua libertação – na proporção que as reflexões acerca da consciência e que a desumanização oprime, humilha – os seres humanos sentem a necessidade de não estarem no lugar de dominados, e sim de dominantes de seu próprio lugar no mundo, através de sua participação política, em que suas ações condizem com sua realidade de um ser existencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva de uma educação humanizante perpassa pela necessidade de mudanças na sociedade, exigindo posturas sábias capazes de transformar os sujeitos para uma educabilidade libertadora, humana e fraterna. Por sua vez, essa educação, deve ser compreendida, através das transformações ocorridas na sociedade, estabelecendo a relação histórica, cultural, política e social dos indivíduos, proporcionando a libertação dos indivíduos enquanto grupos que buscam por uma educação em sintonia com a fraternidade.

Desvelar as incoerências advindas do processo de desenvolvimento da sociedade, eximindo a importância da educação humana, para sua ascensão como fator relevante para uma vida fraterna, proporcionará aos sujeitos sua interação na busca por um ambiente de aprendizagem, tendo como princípio os valores dos conhecimentos adquiridos ao longo da vida.

Essa concepção também deve ser utilizada pelos que se dedicam a lutar para combater a desigualdade entre as classes, onde os oprimidos sofrem pela exclusão do conhecimento, ou seja, de aprender a conviver sem ser humilhado ou ser tratado de maneira indiferente.

Na educação, as contribuições do conhecimento para alcançar uma vida sábia, fraterna e humanizante preponderam essencialmente os saberes dos sujeitos que em sua essência promovem, a partir de sua realidade, a dignidade humana dos sujeitos que foram oprimidos, excluídos de seus direitos durante seu processo de evolução intelectual, social e pessoal.

Concomitante à humanização, a desumanização provoca a impossibilidade da vida em fraternidade, descaracterizando o processo de educabilidade, implicando o retardamento da promoção libertadora dos seres humanos; O humanismo possibilita a práxis cotidiana da sociedade, buscando ações concretas através da luta pela educação libertadora.

REFERÊNCIA



- ALMEIDA, Milton José de. **O triunfo da escolástica, a glória da educação.** Educ. Soc. vol.26 no.90 Campinas Jan./Abr. 2005. (Acesso em 01/06/2022). http://old.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000100002&script=sci_arttext.
- ALMEIDA, Maria da Conceição X. de. **Educação como aprendizagem da vida.** Curitiba, n. 32, p. 43-55, 2008. Editora UFPR (Acesso em 23/05/2022). <https://www.scielo.br/j/er/a/97H53pCZzXJ4bg8Y9r9nZpN/?lang=pt>.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Suma teológica.** São Paulo: Loyola, 2003.
- CNBB – Conferência Nacional do Bispos do Brasil – Campanha da Fraternidade 2022, texto base. Brasília. Edições CNBB, 2021.
- ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. **A educação em Paulo Freire como processo de humanização.** EDUCERE – XII Encontro Nacional de Educação. 2015 (Acesso em 23/05/2022). https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18184_7792.pdf.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Pedagogia do Oprimido.** 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido.** 2. ed. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2011.
- JÚNIOR, Ebenezer da Silva Melo; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. A humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais”. **Revista Formação@Docente** Belo Horizonte. vol. 3, no 1, dezembro 2011.
- LAKAMONY, Ana Maria. **Teorias cognitivas da aprendizagem.** 2. ed. revista e atualizada. Curitiba: IBPEX, 2008.
- MARTINAZZO, Celso José. **O sentido do ato de educar em Edgar Morin.** v. 33, n. 67, p. 401-426, jan./abr. 2019 (Acesso em 23/05/2022). http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-596x2019000100401&lng=en&nrm=iso
- MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. **Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório.** Dossiê "Paulo Freire e o Debate Educacional Contemporâneo". Dez/2014 (Acesso em 11/05/2022). <https://www.scielo.br/j/pp/a/QJxGZXzMDX4Qjpkxd5jRfFD/?lang=pt>
- PRETTO, Flavio Luiz; ZITKOSKI, Jaime José. **Por uma educação humanizadora: um diálogo entre Paulo Freire e Erich Fromm.** Revista de Ciências Humanas - Educação - v. 17, n. 29, Dez. 2016 (Acesso em 11/05/2022). <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158874/001013477.pdf?sequence=1>



RISK, Eloah. **Fraternidade em ideias e fatos. A pedagogia da fraternidade.** Pano. fundo. N 02·Jan a Mar, 2015. (Acesso em 11/05/2022).

<http://repositorio.asc.es.edu.br/bitstream/123456789/724/1/EDICAO-2--ANO-1-38-39.pdf>.

VIDA PASTORAL. **Revista bimestral para sacerdotes e agentes de pastoral.** Ano 63, n. 344 Março-Abril de 2022.